

CONTAR VS. MOSTRAR¹

Autores: Tobias Klauk & Tilmann Köppe

Tradução de Lauren di Giorgio

1 Definição

A distinção entre contar e mostrar envolve dois modos diferentes de se apresentar acontecimentos em uma narrativa. Inicialmente, a distinção pode ser feita de forma bastante literal: na modalidade de mostrar, a narrativa evoca nos leitores a impressão de que lhes são mostrados os acontecimentos da estória ou de que eles, de alguma forma, os testemunham, enquanto na modalidade de contar, a narrativa evoca nos leitores a impressão de que são informados sobre os acontecimentos. Usando uma metáfora espacial, a modalidade de mostrar também é considerada uma narrativa com “pequena distância”, provavelmente porque os leitores têm a impressão de que estão de alguma forma próximos aos acontecimentos da estória, enquanto a modalidade de contar evoca a impressão de uma “grande distância” entre os leitores e os acontecimentos.

2 Explicação

Na narratologia atual, os rótulos "contar" e "mostrar" são amplamente usados, mas parece haver pouco consenso quanto à distinção exata que eles deveriam abranger. Assim, os narratologistas nem sempre concordam quanto à classificação dos exemplos, ou mesmo quanto aos fundamentos da classificação. Isso pode ser percebido ao considerarmos um exemplo que foi proposto para ilustrar a distinção. Compare as frases “John estava bravo com sua esposa” e “John olhou para sua esposa, suas sobrancelhas franzidas, seus lábios contraídos, seus punhos cerrados. Então ele se levantou, bateu a porta e saiu de casa” (RIMMON-KENAN, [1983] 2002, p. 109). A primeira frase é

¹ Como citar este texto:

KLAUK, Tobias; KÖPPE, Tilmann. Contar vs. Mostrar. Tradução: Lauren di Giorgio.

Repositório Digital de Textos de Narratologia e Intermidialidade. Porto Alegre:

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2026. Título Original: Telling vs Showing.

Disponível em:

<<https://www.ufrgs.br/geni/recursos-para-pesquisa/enciclopedia-de-narratologia/>.

Acesso em: dia mês. 20XX.

apresentada por Rimmon-Kenan como um exemplo de contar e a última como um exemplo de mostrar. No entanto, o fato de alguém achar que essas duas frases diferem entre si em relação à distinção entre contar e mostrar depende de quais critérios são considerados decisivos (para referências, consulte a seção 3 abaixo):

Se a presença ou ausência de um narrador for considerada o critério decisivo, então ambas as frases podem estar no mesmo nível. O mesmo vale se a presença ou ausência de diálogo for considerada crucial, ou, possivelmente, se a "parcialidade" ou a "objetividade" da narração forem consideradas o cerne da distinção.

Uma diferença entre os modos de apresentação surge se for tido como certo que ambas as frases de exemplo apresentam um narrador; portanto, se compararmos as relações de um narrador com os acontecimentos contados, incluindo a posição espacial, temporal ou epistêmica geral do narrador, então a primeira frase ("John estava bravo com sua esposa") pode ser considerada como um caso de contar e a segunda como um caso de mostrar. Da mesma forma, a primeira frase é explícita sobre pelo menos um dos traços de John ("John estava bravo com sua esposa") e é, portanto, um caso de contar, enquanto a segunda deixa quaisquer fatos sobre os traços de John a serem inferidos pelo leitor. Além disso, a primeira frase exibe um grau mais alto de velocidade narrativa e transmite uma descrição comparativamente menos detalhada do acontecimento (ou acontecimentos) do que a segunda; portanto, a primeira frase pode ser um caso de contar e a segunda de mostrar. Da mesma forma, a primeira frase pode causar, no leitor, a impressão de que os acontecimentos da história estão sendo relatados (contar), enquanto a segunda pode causar a impressão de que ele testemunha, de alguma forma, os acontecimentos, o que constitui mostrar. Por fim, a primeira frase pode servir para chamar a atenção do leitor implícito para o narrador, enquanto a segunda frase chama a atenção do leitor implícito para a história.

Não está claro se as diferentes interpretações da distinção entre contar e mostrar compartilham um denominador comum. Além disso, enquanto algumas abordagens podem ser facilmente combinadas, outras não. Sobretudo, várias das abordagens consideram o narrador ficcional importante de um jeito ou de outro. Mas isso não significa, necessariamente, que as abordagens estabeleçam a mesma distinção, por definição. Por exemplo, um narrador claramente perceptível, cuja presença constitui "contar", de acordo com algumas interpretações, pode, mas não precisa, ser explícito sobre os traços dos personagens, o que constitui "mostrar", de acordo com outras

interpretações da distinção. Além disso, duas abordagens diferentes de "mostrar" podem ser mutuamente excludentes. Por exemplo, se a ausência de um narrador na narração é tida como mostrar, como é o caso em passagens de diálogo puro, então isso é incompatível com a afirmação de que mostrar se baseia na posição temporal ou espacial particularmente próxima do narrador em relação aos acontecimentos da estória, como defende outra abordagem. Observe também que a presença ou ausência de diálogo sugere que nem "contar" nem "mostrar" são fundamentos graduáveis, enquanto relatos baseados, por exemplo, na quantidade de informação narrativa ou na "velocidade" da narração sugerem que contar e mostrar permitem gradação.

Por fim, há uma série de diferentes rótulos associados às distinções em questão. Entre eles estão "modo mimético", "objetividade", "modo impessoal", "modo cênico", "modo dramático", "interpretação" ou "pequena distância" como (mais ou menos) sinônimos de "mostrar", e "modo diegético", "parcialidade" ou "grande distância" como (mais ou menos) sinônimos de "contar" (cf. por exemplo, BOOTH, [1961] 1983, p. 8; RABINOWITZ, 2005, p. 530; WIESENFARTH, 1963; GENETTE, [1972] 1980, p. 162-189; STANZEL, [1979] 2008, p. 190-192).

3 História do conceito e seu estudo

Algumas variantes das distinções entre contar e mostrar têm suas origens nas distinções entre *diegese* e *mimese* conhecidas dos escritos de Platão (Halliwell → *Diegesis – Mimesis* [1]; WILLEMS, 1989).

Uma das primeiras formas modernas de distinguir um comentário ("reflexão"), de um lado, de uma descrição detalhada de personagens, acontecimentos e ações, de outro, pode ser encontrada em Spielhagen ([1883] 1967). Spielhagen sustenta que apenas o segundo caso está de acordo com as "leis do épico" ("epische Gesetze") e, portanto, deve ser classificado como superior ao primeiro (ibid., p. 67-69). Esse veredito é criticado por Friedemann (1910), que argumenta que a "essência" da ficção narrativa consiste justamente no fato de o narrador ser colocado em primeiro plano ("das Wesen der epischen Form [besteht] gerade in dem Sichgeltendmachen eines Erzählenden", ibid., p. 3). Tanto Spielhagen quanto Friedemann lidam, dessa forma, com a questão de até que ponto o autor (mais especificamente, um narrador) pode se intrometer na narração, por exemplo, comentando os acontecimentos, preenchendo lacunas narrativas ou assumindo uma postura subjetiva. Friedemann (1910, p. 26) sustenta que, ao

comentar sobre os acontecimentos, um narrador não precisa perturbar a “ilusão épica”; em vez disso, o narrador pode se tornar uma parte “orgânica” da composição. Além disso, Friedemann, na verdade, alterna o foco teórico da presença ou ausência de comentários narrativos para o efeito que tal comentário pode ter sobre o leitor; assim, para ela, a verdadeira questão é se, ao ler, nossa “ilusão é prejudicada” (“leidet unsere Illusion Schaden”, *ibid.*, p. 27).

A popularidade moderna de se distinguir “contar” e “mostrar” é geralmente atribuída a Lubbock. Lubbock ressalta algumas implicações normativas da distinção. Assim, ele sustenta que “a arte da ficção não começa até que o romancista pense em sua história como uma questão a ser mostrada, a ser exibida de modo que ela conte a si própria” (LUBBOCK, [1922] 1954, p. 62). Ele também compara os romances de Flaubert com um “quadro” ou “drama” e afirma que um “escritor como Flaubert — ou qualquer outro romancista cuja obra seja digna de crítica — está tão longe de contar uma história como poderia ser contada em um relatório oficial, que deixamos de considerá-lo como relator em qualquer sentido. Ele está causando um efeito e uma impressão, por algum método mais ou menos hábil” (*ibid.*, p. 63).

Lubbock conseguiu embasar sua abordagem à distinção em comentários de vários autores de ficção. Henry James e Ford Madox Ford também sustentaram que “mostrar” é claramente superior a “contar”. James afirma que “Processos, períodos, intervalos, estágios, graus, conexões, podem ser fácil e suficientemente apontados, podem ser declarados de forma não convincente, na ficção, para o profundo descrédito do escritor, mas representá-los continua sendo o diabo [...]” (JAMES, [1884] 1957, p. 94; veja também WIESENFARTH, 1963, especialmente o cap. 1, para mais detalhes). Ford afirma que o romancista “tem que representar e não contar”. E explica: “Se eu disser 'O terrível Sr. Blank atirou no querido gato de Blanche!', isso é contar. Se eu disser: 'Blank ergueu sua espingarda e a apontou para o galho trêmulo, escuro e mais alto da cerejeira. Após o tranco, um volume salpicado de vermelho e preto despencou, trêmulo, de galho em galho, até se achatar na grama do pomar!', isso é uma representação bastante ruim, mas ainda assim é uma representação” (FORD, [1930] 1983, p. 122). Nenhum desses autores contribui realmente para a compreensão teórica do fenômeno. Seus pontos de vista, no entanto, ressaltam a importância que a distinção teve no discurso dos autores sobre a ficção, e isso, por sua vez, explica por que ela foi adotada por uma narratologia em evolução.

Booth ([1961] 1983, p. 16, 154-155) critica as versões estanques da distinção entre mostrar e contar. O seu principal interesse parece ser a questão de como um autor consegue associar comentários autorais (ou narrativos) e "mostrar". Assim, Booth, na verdade, tentou corrigir a ideia de que a distinção depende da presença de comentários explícitos, sejam do autor ou do narrador.

Genette introduz um novo termo influente ao debate, a saber, "distância". Ele explica que "a narrativa pode fornecer ao leitor mais ou menos detalhes, e de forma mais ou menos direta, e pode assim parecer (empregando uma metáfora espacial comum e conveniente, que não deve ser interpretada literalmente) manter uma distância maior ou menor daquilo que conta" (GENETTE, [1972] 1980, p. 162). Genette sustenta ainda que é preciso distinguir a "narrativa de acontecimentos" de uma "narrativa de palavras", pois apenas esta última é considerada "mimética" no sentido pleno da palavra: "A verdade é que a mimese nas palavras só pode ser a mimese das palavras. Fora isso, tudo o que temos e podemos ter são graus de diegese" (ibid., p. 164).

Em suma, e como indicado na seção (2) acima, a narratologia atual apresenta uma ampla diversidade de possíveis significados para a distinção entre contar e mostrar. O rótulo "contar vs. mostrar" é usado para se referir às distinções a seguir.

Em primeiro lugar, a mera presença de um narrador (contar) versus a ausência de um narrador (mostrar) na história é tida como decisiva (cf. CHATMAN, 1978, p. 32, 146; NÜNNING; SOMMER, 2008, p. 341).

Em segundo lugar, as relações entre um narrador e os acontecimentos contados, incluindo sua posição espacial, temporal ou epistêmica geral, que pode ser remota (contar) ou próxima (mostrar), constituem a distinção. Assim, Toolan explica que "[m]imese [ou seja, mostrar] apresenta 'tudo o que aconteceu' em certo sentido, mas, na verdade, apenas tudo como seria revelado a uma testemunha dentro da cena", enquanto "[d]iegese [ou seja, contar] apresenta 'tudo o que aconteceu' em outro sentido, mas apenas tudo o que um relator externo imparcial decide que vale a pena ser contado" (TOOLAN, [1988] 2001, p. 134, cf. também LINHARES-DIAS, 2006, p. 7).

Em terceiro lugar, diz-se que a presença (mostrar) ou ausência (contar) de diálogo na narrativa está envolvida na distinção entre contar e mostrar (cf. FLUDERNIK, [2006] 2009, p. 36 e p. 161; cf. já CHATMAN, 1978, p. 32; GENETTE, [1983] 1988, p. 45). A razão para isso é que apenas o diálogo é considerado uma

apresentação "não mediada" e, portanto, que "mostra" o que acontece no mundo da estória.

Em quarto lugar, a explicitação (contar) ou implicitação (mostrar) de, por exemplo, traços ou temperamento de um personagem, bem como os temas, significados ou moral da história, são considerados decisivos (cf. FRIEDMAN, 1955, p. 1169-1170, *passim*; LUBBOCK, [1922] 1954, p. 67-68; RIMMON-KENAN, [1983] 2002, p. 108). Novamente, pode-se argumentar que essas características de uma narrativa indicam a presença de um sujeito narrador cuja presença, por sua vez, representa uma apresentação "mediada" do que acontece no mundo ficcional.

O mesmo vale para, em quinto lugar, a "parcialidade" (contar) ou "objetividade" (mostrar) da narração (cf. RABINOWITZ, 2005, p. 530), pois uma interpretação "parcial" da história que inclua comentários e julgamentos também indica a presença de um narrador. Como consequência, o direcionamento da atenção do leitor implícito tanto para a estória (mostrar) quanto para o narrador (contar) pode ser afetado (cf. *ibid.*).

Em sexto lugar, a "velocidade" da narração, que pode ser comparativamente rápida (contar) ou lenta (mostrar), e que pode transmitir informações mais (mostrar) ou menos detalhadas (contar), é tida como decisiva (cf. GENETTE, [1972] 1980, p. 166).

Em sétimo lugar, a impressão que o leitor tem de que estão contando a ele sobre os acontecimentos da estória (contar) ou que de alguma forma ele os testemunha (mostrar) é tida como o cerne da distinção entre contar e mostrar (cf., entre outros, MARTÍNEZ; SCHEFFEL, [1999] 2012, p. 50; STANZEL, 1964, p. 13; STANZEL, [1979] 2008, p. 192; LINHARES-DIAS, 2006; WIESENFARTH, 1963, p. 2).

Permanece em aberto a questão se, ou até que ponto, essas explicações permitem uma unificação. Uma hipótese promissora para uma explicação unificada pode ser a ideia de que a distinção entre contar e mostrar engloba diferentes impressões que um leitor pode ter ao ler o texto. Essa ideia encontra seus precursores, entre outros, em Sócrates (Halliwell → Diegesis – Mimesis [1] [§ 7]), Friedemann (1910, p. 26-27, 89, 91), Lubbock ([1922] 1954, p. 63) ou Stanzel (1964, p. 13). Além disso, essa maneira de estabelecer a distinção entre contar e mostrar permite que alguns, se não todos os outros itens da lista, constituam evidências de "contar" ou de "mostrar" (em vez de serem idênticos a um ou outro). Assim, por exemplo, a velocidade da narração ou do comentário explícito pode ser considerada evidência da presença de um narrador ficcional, cuja presença pode ser tida como causadora da impressão, no leitor, de que lhe

estão contando sobre os acontecimentos, o que, por sua vez, constitui contar. Por fim, nessa abordagem, a distinção entre "contar" e "mostrar" não é de forma alguma supérflua (cf. GENETTE, [1983] 1988, p. 44), pois não se reduz a qualquer um dos fenômenos narrativos (presença ou propriedades do narrador, velocidade da narração, objetividade, diálogo, quantidade de detalhes etc.) que ajudam a estabelecê-la.

4 Termos relacionados

Quais termos são considerados relacionados à distinção entre contar e mostrar, é claro, depende do que se considera a distinção, antes de mais nada. Assim, possíveis candidatos a termos relacionados incluem: Margolin → Narrador [2]; Alber & Fludernik → Mediação e Mediação Narrativa [3]; McHale → Representação de Fala [4]. Os defensores da ideia de que "mostrar" e "contar" referem-se à impressão que o leitor tem de testemunhar os acontecimentos da história (em oposição a ter a impressão de que estão lhe contando sobre os acontecimentos) podem querer explorar relações com os conceitos de "imersão", "transporte" ou "ilusão estética" (cf. GERRIG, 1993; GREEN; BROCK, 2000; GIOVANELLY, 2008; WOLF → Ilusão (Estética) [5]).

5 Tópicos para pesquisas futuras

Até o momento, não há nenhum estudo sistemático que explore as relações, bem como as diferenças, entre as principais abordagens atuais à distinção entre contar e mostrar. O mesmo vale para um estudo abrangente sobre a história dos conceitos. Parece que tais estudos são necessários, inclusive para avaliar a importância da(s) distinção(ões). Alguns narratologistas consideram supérflua a distinção entre contar e mostrar, principalmente porque acreditam que ela se refere a outros fenômenos narrativos, como a velocidade da narração ou a presença ou ausência de um narrador, que podem ser tratados diretamente (cf. RIMMON-KENAN, [1983] 2002, p. 109; BAL, 1983, p. 238-240; GENETTE, [1983] 1988, p. 44). Outros sustentam que a distinção está no cerne da narrativa, mostrar sendo particularmente considerado como um modo de apresentação mais peculiar e que carece de análise minuciosa (cf. LINHARES-DIAS, 2006).

6 Bibliografia

6.1 Obras citadas:

- BAL, Mieke (1983). The Narrating and the Focalizing: A Theory of the Agents in Narrative. *Style*, United States, v. 17, n. 2, p. 234-269.
- BOOTH, Wayne C. *The Rhetoric of Fiction*. Chicago: Chicago UP, 1983 [1961].
- CHATMAN, Seymour. *Story and Discourse: Narrative Structure in Fiction and Film*. Ithaca: Cornell UP, 1978.
- FLUDERNIK, Monika. *Introduction to Narratology*. Abington: Routledge, 2009 [2006].
- FORD, Madox. *The English Novel*. Manchester: Carcanet Press, 1983 [1930].
- Friedman, Norman. Point of View in Fiction. The Development of a Critical Concept. *Publications of the Modern Language Association of America*, United Kingdom, v. 70, p. 1160-1184, 1955.
- FRIEDEMANN, Käte. *Die Rolle des Erzählers in der Epik*. Leipzig: Haessel, 1910.
- GENETTE, Gérard. *Narrative Discourse: An Essay in Method*. Ithaca: Cornell UP, 1980 [1972].
- GENETTE, Gérard. *Narrative Discourse Revisited*. Ithaca: Cornell UP, 1988 [1983].
- GERRIG, Richard J. *Experiencing Narrative Worlds: On the Psychological Activities of Reading*. Yale: Yale UP, 1993.
- GIOVANELLI, Alessandro. In and Out: The Dynamics of Imagination in the Engagement with Narratives. *The Journal of Aesthetics and Art Criticism*, United Kingdom, v. 66, n. 1, p. 11-24, 2008.
- GREEN, Melanie C.; BROCK, Timothy C. The Role of Transportation in the Persuasiveness of Public Narratives. *Journal of Personality and Social Psychology*, United States, v. 79, n. 5, p. 701-721, 2000.
- JAMES, Henry. *The Art of the Novel: Critical Prefaces*. R.P. Blackmur (ed.). New York: Scribner, 1957 [1884].
- LINHARES-DIAS, Rui. *How to Show Things with Words. A Study on Logic, Language and Literature*. Berlin: de Gruyter, 2006.
- LUBBOCK, Percy. *The Craft of Fiction*. London: J. Cape, 1954 [1922].
- MARTÍNEZ, Matías; SCHEFFEL, Michael. *Einführung in die Erzähltheorie*. München: Beck, 2012 [1999].
- NÜNNING, Ansgar; SOMMER, Roy. Diegetic and Mimetic Narrativity: Some Further Steps Towards a Narratology of Drama. In: PIER, J.; GARCÍA LANDA, J. Á. (eds.). *Theorizing Narrativity*. Berlin: de Gruyter, 2008. p. 331-354.
- RABINOWITZ, Peter J. Showing vs. Telling. In: HERMAN, D. et al. (eds.). *The Routledge Encyclopedia of Narrative Theory*. London: Routledge, 2005. p. 530-531.

- RIMMON-KENAN, Shlomith. *Narrative Fiction: Contemporary Poetics*. London: Routledge, 2002 [1983].
- SPIELHAGEN, Friedrich. *Beiträge zur Theorie und Technik des Romans*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1967 [1883].
- STANZEL, Franz K. *Typische Formen des Romans*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1964.
- STANZEL, Franz K. ([1979] 2008). *Theorie des Erzählens*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2008 [1979].
- TOOLAN, Michael. *Narrative: A Critical Linguistic Introduction*. London: Routledge, 2001 [1988].
- WIESENFARTH, Joseph. *Henry James and the Dramatic Analogy: A Study of the Major Novels of the Middle Period*. New York: Fordham UP, 1963.
- WILLEMS, Gottfried. *Anschaulichkeit: Zur Theorie und Geschichte der WortBild-Beziehungen und des literarischen Darstellungsstils*. Tübingen: Niemeyer, 1989.

6.2 Leituras complementares:

- ANDRINGA, Els (1996). “Effects of ‘Narrative Distance’ on Reader’s Emotional Involvement and Response.” *Poetics* 23, 431–52.
- JOHANSSON, Christer. Telling and Showing: A Semiotic Perspective. In: JOHANSSON, Christer; ROSSHOLM, Göran (eds.). *Disputable Core Concepts of Narrative Theory*. Bern: Lang, 2012. p. 147-182.